

A FORMAÇÃO DE UM CÂNONE PARA O SÉCULO XIX BRASILEIRO: A FORÇA DE MACHADO DE ASSIS¹²

*[THE CONSTRUCTION OF A CANON
FOR THE BRAZILIAN NINETEENTH
CENTURY: THE POWER OF
MACHADO DE ASSIS]*

ANDRÉA SIRIHAL WERKEMA

Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Brasil.

[aswerkema@hotmail.com]

¹Parte do presente artigo, em primeira e bem mais reduzida versão, foi publicada em: NUÑEZ; SALES; RODRIGUES; SOUZA et BARBOSA. *História da literatura: fundamentos conceituais*. Rio de Janeiro: Ed. Makunaima, 2012; com o título: “A crítica literária de Machado de Assis como ponto de inflexão na história da literatura brasileira”. Disponível em: <http://edicoesmakunaima.com.br/images/livros/historia_daliteratura-fundamentosconceituais.pdf>.

² Palestra apresentada na XIII Semana de Letras – Delet – ICHS – UFOP – *Culturas da Escrita, Culturas da Oralidade* – realizada no período de 24 a 27 de novembro de 2014.

RESUMO

Trata-se de discutir as hipóteses, aparentemente óbvias, de leitura da história literária brasileira pelo viés de Machado de Assis: a instituição de um *continuum*, ou série literária em nossa história da literatura, já seria visível para o crítico Machado de Assis — leia-se “Instinto de nacionalidade” (1873) e “A nova geração” (1879). Isso, nem preciso dizer, tem impacto inegável sobre sua obra ficcional, nos romances e nos contos: tais hipóteses nos levariam à conclusão bastante evidente de que a mudança de rumos na ficção machadiana obedece a uma avaliação do terreno literário circundante, entre outras coisas. Dessa maneira, Machado é também responsável, para o bem e para o mal, pelo cânone oitocentista brasileiro, sobre o qual teria não só atuado conscientemente como influenciado *a posteriori*.

PALAVRAS-CHAVE

História da literatura; Crítica literária; Machado de Assis; Cânone.

ABSTRACT

This paper discusses the readings of the Brazilian literary history through the eyes of Machado de Assis: although a little too obvious, the hypotheses that arise show that Machado, as a literary critic, was already aware of a continuum in our literary history, as one can read in “Instinto de nacionalidade” (1873) as well as in “A nova geração” (1879). That would have undeniable impact in his fictional work, since he would use his appreciation of his literary surroundings as a way to change and improve his writings. We could attest, therefore, that Machado de Assis is directly responsible for our literary canon in the Nineteenth Century, which he influenced posthumously – through his readers – but also as a willing agent.

KEYWORDS

Literary history; Literary criticism; Machado de Assis; Canon.

Machado de Assis constitui problema bastante complexo para a história e para a crítica da literatura brasileira: não só se destaca de forma inegável no panorama da ficção de final do século XIX entre nós, criando um falacioso insulamento, que leva o estudioso a se debruçar sobre o problema de uma aparente descontinuidade histórico-literária – questão que deve ser analisada e desconstruída, bem sabemos –, como ainda apresenta entre suas realizações o exercício profissional da crítica literária, sendo leitor atento de nossa história da literatura em sua trajetória de formação e tendo feito esforços para contribuir de alguma maneira na constituição de uma mentalidade literária finalmente autônoma entre nós.

Teríamos, portanto, ao menos dois eixos de análise, que se fazem fundamentais para a compreensão não apenas da obra machadiana, mas de toda a literatura que a circunda. Podemos ler a obra ficcional de Machado enquanto padrão, ponto mais alto de nossa produção oitocentista – *télos* indiscutível –, à maneira um tanto elíptica de Antonio Candido na *Formação da Literatura Brasileira*, ou mesmo à maneira mais explícita de Roberto Schwarz, que faz de Machado o seu ponto de chegada para o projeto romanesco mais consequente de nosso XIX – vide sua leitura de José de Alencar em *Ao vencedor as batatas*: trata-se de análise séria e atenta, mas que reserva ao romancista de *Senhora* um lugar de passagem para os cimos galgados por Machado (SCHWARZ, 2000, p. 35-79)³. Cito apenas esses dois críticos, que acredito serem leitores brilhantes de Machado no século XX, mas poderia acrescentar uma série longa de análises que levam à obra de Machado de Assis como consecução final de um projeto literário, para o qual contribuíram de várias maneiras, mais ou menos conscientes, muitos de nossos poetas, romancistas e dramaturgos oitocentistas. Veja que é necessário aqui admitir a tese da integração de Machado à série de nossos escritores oitocentistas, ao contrário daqueles que fazem dele caso à parte, irrupção de genialidade sem explicação que não por teorias pseudorromânticas ou genética privilegiada. Devo dizer que não me interessa, enquanto leitora da textualidade de nosso século XIX, tal visão isolada de Machado de Assis.

O segundo eixo de análise da obra machadiana e de seus arredores, menos desenvolvido pela fortuna crítica, tem recebido recentemente um

³ Ousei – tentar – travar um debate em torno da leitura de *Senhora* com o crítico em Werkema, 2014, p. 152-163.

pouco mais de atenção e me interessa aqui de perto: trata-se da leitura da crítica literária de Machado de Assis e de suas implicações para a literatura brasileira em geral e para a compreensão da própria obra machadiana em particular. É obvio que, enquanto leitor da literatura brasileira disponível, Machado tinha um papel de crítico ao pé da letra, que exerceu como resenhista, censor e historiador de nossa literatura, da qual buscava apontar os traços característicos e definir um possível *temperamento*. Desde os dezenove anos de idade, Machado praticou a crítica literária nos jornais da corte, como um exercício que ele acreditava fundamental para o desenvolvimento da literatura entre nós, pois seria capaz de promover a reforma do gosto, uma verdadeira educação estética. As implicações de sua prática para a formação de um cânone literário oitocentista teriam que ser buscadas, portanto, nas avaliações individuais que faz de autores e de escolas literárias – levando-se em consideração o próprio lugar ocupado por Machado de Assis na série literária em formação.

Mudando um pouco o ângulo pelo qual olhamos a questão da crítica literária escrita por nosso autor, faz-se ainda mais interessante imaginar como esse contato com a obra alheia, enquanto fricção, leitura negativa ou mesmo concordância e aplauso, fundamentou a obra do romancista/contista Machado de Assis, ponto de interesse da maior parte da fortuna crítica machadiana. Questões intensamente discutidas – como a chamada passagem da primeira para a segunda fase de sua ficção, sua guinada antirromântica e mesmo antirrealista, o desenvolvimento do seu “classicismo moderno” (LUZ, 2012) – ganham novo interesse, é claro, se vistas em contraste com sua atividade como crítico. Machado só passou a escrever romances depois que já tinha anos, uma década e meia ao menos, de prática como crítico em periódicos – todo esse tempo será evidentemente reaproveitado na busca por um modelo crítico de romance, se pensarmos que sua trajetória de romancista, a partir de 1872, com a publicação de *Ressurreição*, vem substituir gradativamente a sua atividade de crítico literário.⁴

Seria esse, portanto, o ponto exato em que podemos marcar um cruzamento dos dois eixos mínimos de análise que eu havia indicado para a compreensão da obra machadiana: o momento em que a obra ficcional

⁴ Esta hipótese está formulada em Jobim, 2013, entre outros.

machadiana se confunde com a obra crítica, na medida em que os padrões críticos internalizados pelo autor de ficção Machado de Assis servem como referência, modelo de excelência para a literatura brasileira. Dessa maneira, a obra ficcional de Machado é também criadora de um cânone *a posteriori*, pois somos obrigados a rever e reestimar nosso romance romântico a partir da leitura de seus primeiros quatro romances; e, comparados aos seus romances de segunda fase, por extensão, os romances de nossos naturalistas necessitam de reavaliação – formal e valorativa. E vice-versa, já que não há mão única na reciclagem do material literário. Como caso exemplar de passagem da crítica para o romance, é o aproveitamento que Machado faz de sua leitura dos romances de Eça de Queirós (artigos publicados em 1878) em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (seu aparecimento em forma seria da data de 1880). Há aí claramente o uso de um modelo às avessas; para além da condenação ao realismo/naturalismo, chama a atenção o afincamento com que Machado busca a indeterminação nos personagens e mesmo na trama de seu romance, atacando os princípios da verossimilhança e da causalidade que eram indispensáveis à estética então defendida pelo autor português – que, diga-se de passagem, também teria acusado o golpe da crítica que Machado fez aos seus dois primeiros romances realistas.⁵

Bem, recapitulando, eu gostaria de apresentar aqui duas rápidas hipóteses sobre o papel de Machado de Assis enquanto uma espécie de “reorganizador” da história da literatura brasileira, questão que venho levantando há certo tempo. É o jovem Machado de Assis que mais me interessa aqui, pois sua atividade crítica *stricto sensu* estende-se até mais ou menos o ano de 1880.⁶ Machado escreveu textos críticos para jornais e revistas, sendo que alguns são claras resenhas de obras da literatura brasileira e outros são considerações, de pendor histórico, acerca de nossa literatura ou reflexões sobre a própria atividade do crítico.

Já ficou claro, a essa altura, que eu acredito que a atividade crítica empreendida por Machado de Assis desde a sua extrema juventude até os

⁵ A comparação de episódios dos romances de Eça e de Machado é feita por Zilberman, 2012, p. 106-125.

⁶ Conferir Jobim: “Já se fez uma divisão temporal da crítica machadiana, afirmando que: entre 1865 e 1866, Machado foi um crítico prolífico, produzindo 12 artigos coletados por Mário de Alencar; entre 1866 e 1879, teria produzido apenas cinco artigos, mas de ‘alta exigência’; entre 1880 e 1898, não teria produzido nada; entre 1899 e sua morte, teria escrito apenas ‘pequenas peças mais de adulação do que propriamente de crítica, a partir das obras de seus amigos e próximos.’” (JOBIM, 2013, p. 91).

quarenta anos poderia nos ajudar a rever ou a relativizar certos aspectos de nossa história da literatura. Por exemplo: Machado comenta, ao longo da década de 1860, obras de autores de nosso Romantismo⁷, movimento que lhe é imediatamente anterior e ao mesmo tempo contemporâneo, como sabemos, já que nossa datação historiográfica aponta a duração do movimento romântico entre nós, pelo menos, até a morte de Castro Alves, já na década de 1870. Ora, a obra romanesca machadiana, em geral, é dividida em dois grandes momentos: os romances de 1872 (*Ressurreição*) até 1878 (*Iaiá Garcia*) e o momento que se inicia em 1880, com a publicação seriada de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Esse primeiro grupo de romances é frequentemente chamado de “fase romântica” de Machado de Assis. Isso é aqui importante, já que em termos cronológicos os primeiros romances estão ainda bem próximos do Romantismo – mas uma leitura atenta dos mesmos nos mostra um autor preocupado em usar os recursos e as maneiras de fazer românticos de uma forma nova: creio que só poderiam ser chamados de *românticos* na medida em que são *estudos* do romance romântico – ou da escrita romântica em seus diversos gêneros. Estudos atentos, que têm na leitura das obras do Romantismo brasileiro e do Romantismo em geral a sua fase de pesquisa e de aquisição de repertório e as resenhas de obras de nosso movimento romântico configuram um exame sério da tradição que se forma na literatura brasileira.

O uso do termo *fase romântica*, para caracterizar o conjunto dos quatro primeiros romances de Machado de Assis, portanto, incorre ao menos em meio equívoco: se há elementos românticos nesses romances, eles teriam que ser avaliados de acordo com o seu uso: haveria paródia, por exemplo, do enredo romântico padrão, da heroína romântica típica e de suas aspirações idealizantes em *A Mão e a Luva*? E o que dizer de um personagem como Estevão, coitado, que arrasta seu sentimentalismo pelo romance como encarnação de um rebotalho ultrarromântico? Como aceitar, em termos de Romantismo, o casamento interessado de Iaiá Garcia e sua fria relação com Estela ao final do romance que fecha a primeira fase romanesca de Machado de Assis? São romances estranhos os dessa

⁷ Conferir três textos importantes publicados em 1866: em janeiro, a resenha crítica sobre *Tracema*, de José de Alencar e o artigo sobre *Inspirações do claustro*, de Junqueira freire. Em junho, o pequeno comentário sobre Álvares de Azevedo. Tais textos já foram objeto de análise anterior no artigo: “Machado de Assis leitor dos românticos brasileiros”. (WERKEMA, 2013, p. 496-507).

fase, por vezes desagradáveis em sua mistura de cálculo e conformismo – característica já notada por Roberto Schwarz no estudo aqui citado (SCHWARZ, 2000, p. 83-94). Estamos longe das soluções idealizadas, para bem ou para mal, do romance alencariano, com seus rasgos de abertura radical e incursões ao mito, à história, à incerteza do lírico.

É mais do que interessante esse momento na história de uma literatura, em que um autor-leitor atento passa a visitar o “estilo de época” de forma irônica e programática. Dessa forma, a nossa visão do Romantismo brasileiro tem que obrigatoriamente passar pelo entendimento que Machado de Assis nos legou, eu repito, porque ele é seu contemporâneo, sucessor imediato e também seu leitor paciente. Essa é uma primeira hipótese, apresentada aqui rápida e levemente, já que não é por completo original – os estudos machadianos têm apontado a relação entre a crítica literária e a produção romanesca do autor desde pelo menos 1910, com a “Advertência” escrita por Mário de Alencar para o volume em que reuniu a crítica de Machado.⁸ E é mais do que célebre o comentário feito na *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido, que aponta Machado de Assis como leitor e continuador da tradição do romance romântico brasileiro:

Se voltarmos porém as vistas para Machado de Assis, veremos que esse mestre admirável se embebeu meticulosamente da obra dos predecessores. A sua linha evolutiva mostra o escritor altamente consciente, que compreendeu o que havia de certo, de definitivo, na orientação de Macedo para a descrição de costumes, no realismo sadio e colorido de Manuel Antônio, na vocação analítica de José de Alencar. Ele pressupõe a existência dos predecessores, e esta é uma das razões da sua grandeza: numa literatura em que, a cada geração, os melhores recomeçam *da capo* e só os medíocres continuam o passado, ele aplicou o seu gênio em assimilar, aprofundar, fecundar o legado positivo das experiências anteriores. Este é o segredo da sua independência em relação aos contemporâneos europeus, do seu alheamento às modas literárias de Portugal e França. Esta, a razão de não terem muitos críticos sabido onde classificá-lo. (CANDIDO, 1993, p. 104)⁹.

⁸ “De um modo consciente e deliberado ele veio a executar na pura ficção a obra para a qual o qualificava excelentemente a feição principal de seu espírito a que estavam subordinadas as faculdades da imaginação e da criação. Em tudo ele ficou sendo o crítico dos outros e de si próprio; e eis porque sua obra foi sempre medida e perfeita.” (ALENCAR, 1955, p. 9).

⁹ Sobre a complexa reverberação da presença de Machado de Assis na *Formação*, conferir: Maciel, 2011, p. 39-50.

O que diferencia um pouco a minha hipótese das observações de autores tão ilustres é apenas minha aposta em um reaproveitamento crítico que se dá não somente nas releituras *stricto sensu* feitas por Machado das tradições lírica, dramática e romanesca de nosso Romantismo; eu creio que essas mesmas leituras – quando consubstanciadas em artigos críticos escritos para os jornais e as revistas da época, ou seja, a crítica literária em si de Machado de Assis – promovem a exposição pública da formação de um leitor privilegiado. Isso, é claro, só faria confirmar a inclinação pedagógica da crítica literária machadiana. Apesar do relativo abandono da crítica em si por parte de Machado, houve de fato a consecução, não apenas através de sua obra ficcional, de um apostolado crítico, de uma educação estética, de um estabelecimento de cânone a partir dos apontamentos de Machado de Assis – grande protótipo de leitor do nosso XIX.

Mudando um tanto de enfoque, eu encontraria uma segunda hipótese sobre o lugar de Machado de Assis em nossa história literária em um comentário que sempre me parece interessante discutir, de Fausto Cunha, no seu conhecido livro *O Romantismo no Brasil*:

A visão que hoje temos da poesia romântica é uma visão deformada pela dominação parnasiana. Só o Modernismo, movimento de base romântica (e que na realidade realizou algumas das reivindicações extremas dos revolucionários de 1830), propiciou, no Brasil, perspectiva menos precária do movimento romântico. A anarquia e a paixão que presidiram sempre à elaboração de nossa história literária são responsáveis por uma série de equívocos de árdua remoção.

No entanto, ao mesmo tempo que alargava o campo de nossa visão, o Modernismo, a exemplo do Parnasianismo, viria impor uma limitação fatal ao Romantismo: a perspectiva modernista é uma perspectiva estética e o Romantismo abrange, em seu campo, numerosos cruzamentos ideológicos. (CUNHA, 1971, p. 72-73).

Bem, aí temos uma hipótese, sugerida por Fausto Cunha, sobre uma visão histórica deturpada do Romantismo brasileiro, devido à barreira parnasiana que separa os românticos e o século XX. O meu interesse advém do fato de que parnasianos e Machado de Assis também foram contemporâneos, e esse é um momento da poesia brasileira, e da literatura brasileira em geral, bastante confuso, que desafia qualquer historiador literário a

encontrar nomes para cada corrente ou facção literária a que pertenceram os seus autores. Essa é, aliás, uma das metas de Fausto Cunha em seu livro citado: um melhor conhecimento do momento através da leitura atenta de uma constelação, em que se misturam epígonos e os ditos grandes autores dos fins do século XIX.

No entanto, o que fica da citação é a ligação que se estabelece entre Romantismo e Modernismo, este chamado de *movimento de base romântica*. Está claro que o Modernismo se insurgiu primeiramente contra a “máquina de fazer versos” parnasiana – daí o retorno à maior liberdade romântica. Mas seria tal ligação motivada apenas pelo espírito de oposição à dureza e aos horizontes estreitos da poesia dominada por um padrão técnico e formal? Ou haveria, no encadeamento entre românticos e modernistas, por sobre a barreira parnasiana, antes um fio de continuidade do que apenas ruptura? Assim passa a ser novamente interessante lembrar Machado de Assis enquanto autor-leitor e crítico literário.

Tudo isso pareceria facilmente questionável se nos ancorássemos apenas na leitura que Machado fez da poesia que era sua contemporânea imediata – me refiro, é claro, ao ensaio *A Nova Geração*. Lá, Machado de Assis parece antes um defensor da boa forma e da propriedade poética que um cultor da herança romântica. Mas temos que aceitar desde já que o Machado poeta e o Machado romancista convivem, apesar de suas aparentes diferenças, assim como o crítico inteligente, que aponta falhas e anota os acertos daqueles cuja obra sofre o seu escrutínio. E a abertura de *A nova geração* não deixa dúvidas: os poetas de 1879 seriam descendentes diretos dos românticos, malgrado o seu desprezo pela dita “poesia subjetiva”. Ouçamos apenas um pouco do que lá diz Machado:

A nova geração chasqueia às vezes do Romantismo. Não se pode exigir da extrema juventude a exata ponderação das coisas; não há impor a reflexão ao entusiasmo. De outra sorte, essa geração teria advertido que a extinção de um grande movimento literário não importa a condenação formal e absoluta de tudo o que ele afirmou; alguma coisa entra e fica no pecúlio do espírito humano. Mais do que ninguém, estava ela obrigada a não ver no Romantismo um simples interregno, um brilhante pesadelo, um efeito sem causa, mas alguma coisa mais que, se não deu tudo o que prometia, deixa quanto basta para legitimá-lo. Morre porque é mortal. (ASSIS, 1997. p. 810).

Está claro que não preciso nem me alongar demais sobre o assunto: a filiação indicada aí por Machado de Assis refere-se não apenas aos poetas de sua geração e a si mesmo; traça-se claramente o fio histórico e crítico que tento acompanhar ao discutir a possível força de um Machado leitor da literatura brasileira. Contra a periódica extinção de “estilos de época” ou “movimentos literários”, denominação à escolha do freguês, Machado propõe continuidades, longas durações que só cessariam com a superação de um estilo no exato momento em que sua herança, internalizada, estabelece, paradoxalmente, a sua permanência na tradição literária – ou no “pecúlio do espírito humano”. Dito ainda de outra forma, por Machado de Assis, observe-se a expressão “alguma coisa inalterável (...) que fala a todos os homens”:

Que a evolução natural das coisas modifique as feições, a parte externa, ninguém jamais o negará; mas há alguma coisa que liga, através dos séculos, Homero e *Lord Byron*, alguma coisa inalterável, universal e comum, que fala a todos os homens e a todos os tempos. Ninguém o desconhece, decerto, entre as novas vocações; e o esforço empregado em achar e aperfeiçoar a forma não prejudica, nem poderia alterar a parte substancial da poesia, – ou esta não seria o que é e deve ser. (ASSIS, 1997. p. 914).

O crítico aponta, portanto, para a instituição de uma série literária: não há “extinção” absoluta de um movimento literário, há antes a formação de um “pecúlio” estético pela sobreposição dos diferentes momentos de uma série literária. Uma ressalva importante: essa sobreposição não se faz automaticamente, pelo mero acúmulo; antes necessita do olhar crítico, que escolhe, que compara, que estabelece a continuidade crítica entre as escolas literárias – continuidade que pode se dar pela via da paródia, diga-se de passagem, como bem sabia Machado. A noção de precursor não prevê, de forma alguma, a passividade em sua aceitação: o movimento romântico, visto em *A Nova Geração* como precursor possível da poesia contemporânea a Machado de Assis, encerra-se devendo ser analisado em suas contribuições, deficiências e, ao mesmo tempo, mortalidade e persistência.

Já o Modernismo brasileiro, em sua primeira fase, “movimento de base romântica”, no dizer de Fausto Cunha, só pode sê-lo exatamente porque impõe ao Romantismo “uma limitação fatal”: interessa aos moder-

nistas a inventividade e a liberdade formal e estética da obra romântica – os seus “cruzamentos ideológicos”, nas primeiras décadas do século XX, sejam quais forem, são diversos daqueles que diziam respeito aos poetas do oitocentos. Porque continuidade, em literatura, ou seja, na formação de uma tradição entre permanências e rupturas, não se traduz jamais em anacronismo.

Esbocei, portanto, e veja-se que nem saí do esboço, uma outra hipótese de leitura da história literária brasileira pelo viés de Machado de Assis: a instituição de um *continuum*, ou série literária em nossa história da literatura, já seria visível para o crítico Machado de Assis – leiam-se *Instinto de Nacionalidade* (1873) e *A Nova Geração* (1879), para começo de conversa. São textos que ambicionam a visada histórica, o painel de nossa literatura como se apresentava a Machado naquele momento, os anos de 1870. Isso, nem preciso dizer, tem impacto inegável sobre seus romances e contos: tal pressuposição nos leva à conclusão bastante evidente de que a mudança de rumos na ficção machadiana obedece a uma avaliação do terreno literário circundante, entre outras coisas.

O que tentei aqui formular são hipóteses um tanto quanto óbvias, mas que permitem idas e vindas ao longo de nossa série literária – o que viremos a chamar, nos séculos XX e XXI, com mais segurança, de *Literatura Brasileira* – e dão assunto para a reflexão crítica. Não tenho a menor intenção de esgotar aqui a conversa sobre a validade ou não das duas hipóteses: esse é assunto que depende de maior leitura e de debate contínuo. No entanto, acredito que uma discussão sobre a formação de um cânone literário no Brasil deve atenção redobrada a autores que tenham se pautado em uma atividade crítica como Machado de Assis, não fosse o mesmo já considerado o “centro do cânone” de nossa literatura. Daí sua posição de força e ao mesmo tempo sua fragilidade: quem o colocou nesse lugar, exatamente? Essa é uma outra conversa, está claro: para mim, nesse momento, o que interessa é saber quem ele poderia ter levado para o cânone junto consigo, através de sua prática crítica e mesmo através de sua obra literária. Ele é leitor, em toda a potência da palavra, e é também precursor, no sentido mais amplamente borgiano do termo: influenciou passado, presente e futuro. A resposta sobre sua canonicidade vai ficando cada vez mais óbvia, mas não tão óbvia assim é a ideia de um cânone

brasileiro, e muito menos a ideia de centralidade em um cânone brasileiro.

Ao encerrar esse comentário, deixo por discutir talvez o seu aspecto mais interessante: Machado de Assis, problema literário complexo, como eu disse na abertura do texto, comprova mais uma vez tal caracterização ao deslocar para a periferia literária, em fins do século XIX, a enormidade de sua força literária. De fato, a mera existência do escritor Machado de Assis é motivo para causar espécie em qualquer sisuda e formal discussão sobre o cânone ocidental. E, se deixarmos falar algumas de suas características, muitas vezes escamoteadas pelo próprio autor (e recolocadas ao longo das últimas décadas pelas leituras culturalistas do Machado afrodescendente, Machado abolicionista, Machado feminista etc.), temos em mãos verdadeira dinamite, pois o centro do cânone da periferia não pode, nunca, ser igualado ao centro do cânone nos centros literários, e digo isso como uma palavra de ordem da política literária. Torno, portanto, à guisa de fechamento, ao outro trecho de Antonio Candido na *Formação da Literatura Brasileira*, em que ele cita a relação de Machado de Assis com os autores que teria lido e que o teriam influenciado decisivamente:

Assim, se Swift, Pascal, Schopenhauer, Sterne, a Bíblia ou outras fontes que sejam, podem esclarecer sua visão do homem e sua técnica, só a consciência de sua integração na continuidade da ficção romântica esclarece a natureza do seu romance. O fato de haver presenciado a evolução do gênero desde o começo da carreira de Alencar habilitou-o, com a consciência crítica de que sempre dispôs, a compreendê-lo, avaliar o seu significado e sentir-lhe o amadurecimento. Prezou sempre a tradição romântica brasileira, deu o exemplo de como se faz o aprofundamento das questões locais. Comparadas às descobertas estrepitosas do naturalismo, a sua orgulhosa humildade em face da cultura pátria ilustra bem a verdade do aforismo de Monsieur Teste: “Trouver n’est rien. Le difficile c’est de s’ajouter ce qu’on trouve”. Graças a ele, a nossa ficção fixou e sublimou os achados modernos dos escritores que passarem-nos agora a estudar. (CANDIDO, 1993, p. 105).

“Consciência de sua integração na continuidade” mais “consciência crítica de que sempre dispôs” opõem-se aqui, de certa forma, às leituras estrangeiras que teriam sido formadoras da técnica e da visão do homem em Machado de Assis. Há um certo tom de incômodo indisfarçável e insolúvel aí: é como se Candido indicasse a maior importância das leituras brasileiras

para a formação do escritor Machado de Assis, mas não conseguisse negar a presença de uma técnica importada na obra do autor que elogia. O tão decantado universalismo da ficção machadiana estaria assim comprometido pelo desejo nacionalista da leitura de *Candido*? Pelo meu desejo? Afinal de contas, é Machado de Assis centro do cânone para nós por sua capacidade de organizar a Literatura Brasileira – força literária – ou por sua capacidade de estar ao mesmo tempo dentro e fora da literatura brasileira? Eu vou me negar – pelo menos por enquanto – a responder a essa questão, pois não começo nem a vislumbrar sua resposta.

Referências

ALENCAR, Mário de. Advertência. In: ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1955.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

ASSIS, Machado de. *Crítica literária e textos diversos*. Org. Sílvia M. Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela M. Callipo. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. V. II. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

CASTELLO, José Aderaldo. *Realidade e ilusão em Machado de Assis*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

CASTELLO, José Aderaldo. Ideário crítico de Machado de Assis (Breve contribuição para o estudo de sua obra). In: *Machado de Assis em linha*, v. 6, n. 12, dezembro 2013, p. 01-14. Disponível em <http://machadodeassis.net/download/numero12/artigo01.pdf>. Acesso em 22/11/2014.

CUNHA, Fausto. *O Romantismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

JOBIM, José Luís. Machado de Assis: o crítico como romancista. In: CORDEIRO, R.; WERKEMA, A. S.; SOARES, C. C.; AMARAL, S. A. P. *A crítica literária brasileira em perspectiva*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013.

LUZ, Eduardo. *O quebra-nozes de Machado de Assis: crítica e nacionalismo*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

MACIEL, Emílio. Fundamento-Abismo: Machado de Assis na *Formação da literatura brasileira*. *O Eixo e a Roda*: revista de literatura brasileira, v. 20, n. 1, jan.-jun./2011, p. 39-50.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

WERKEMA, Andréa Sirihal. Machado de Assis leitor dos românticos brasileiros. *Teresa*. Revista de literatura brasileira, Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH, Universidade de São Paulo, n. 12-13, 2012-2013. São Paulo: Ed. 34, 2013. p. 496-507.

WERKEMA, Andréa Sirihal. Forma inexata: Roberto Schwarz lê o romance de José de Alencar. *Eutomia*. Revista de literatura e linguística. Recife, v. 1, n.13, jul. 2014. p. 152-163. Disponível em <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/612> . Acesso em 13/04/2015.

ZILBERMAN, Regina. *Brás Cubas autor Machado de Assis leitor*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.